

ENTRE A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E A LIDERANÇA DO POVO: PRÁTICAS EDUCATIVAS E HISTÓRIAS DE VIDA DA LÍDER CAMPONESA JOSEFA ERMINA COBÉ – ALAGOA NOVA (1975-1984).

Jadson Pereira Vieira

Universidade Federal da Paraíba, E-mail: jadsonpv@gmail.com.

RESUMO.

Este artigo busca problematizar a história de vida da líder camponesa Josefa Ermina Cobé, representante do movimento de reforma agrária acontecido na comunidade rural Engenho Geraldo, Alagoa Nova – PB (1975 e 1984). Narrando como seu protagonismo nos movimentos sociais do campo foram antes de tudo uma pedagogia de conscientização. Pois através de suas falas e discursos ela conseguiu fazer com que a localidade acima citada se mobilizasse pelo direito a terra e a reforma agrária. Aqui, busco narrar a atuação desta líder, refletindo sobre suas articulações políticas como subsídios para uma história possível. Metodologicamente, utilizo os conhecimentos da História Oral de Vida, Meihy (2007), para pensar a relevância de suas memórias na construção de uma narrativa histórica. Penso as práticas de educação não-formal apontadas por Gohn (2010) como elemento norteador de sua pedagogia e adentro às suas memórias, quando busco fazer um exercício semelhante ao de Halbwachs (2006), quando pensa a natureza intrínseca das memórias individuais dos sujeitos, que se entrelaçam com a coletividade. Busco com esta pesquisa perceber que com as narrativas desta personagem é possível construir a história dos movimentos sociais do campo, na Paraíba no período ditatorial. Pois em seus relatos sobre sua atuação, expressados sobretudo nas “rezas” e nos discursos eloquentes proferidos em público que a seguia, ela projeta uma escrita de si, Foucault (1992), que se consolida na sua subjetividade. Este trabalho faz parte de uma pesquisa mestrado intitulada: *Engenho de Memórias: mulheres camponesas e a luta pela terra no Engenho Geraldo, Alagoa Nova-PB (1975-1984)*, concluída em 2016, pelo Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH/UFPB).

Palavras-chave: Memórias, Liderança Camponesa, Educação não Formal, Escrita de Si.



NÊM COBÉ: FORMAÇÃO POLÍTICA NOS MOVIMENTOS.

A alegria de viver a luta por uma causa são qualidades que acompanham Josefa Ermina Cobé (Nêm Cobé),¹ por toda sua vida. A simplicidade e jeito autêntico de encarar os desafios diários foram marcas que a acompanharam por vários momentos de sua trajetória de vida. Sempre sorridente e com muita força na fé, ela alcançara prestígio e respeito entre os membros da comunidade Engenho Geraldo².

Ela assume papel de liderança entre os que participaram do movimento no Engenho Geraldo, mesmo entre aquelas, que, junto com ela, também foram lideranças, foi marca de Nêm Cobé. É consenso entre os que a acompanharam, que sua subjetividade é preenchida por sentimentos de alegria e de amizade que lhe acompanham até hoje. Ela foi, neste sentido, o sustentáculo de uma força que todos/as necessitavam para consolidar seus objetivos durante os anos de luta na comunidade, sua experiência e sua relação com o mundo serviram de inspiração e de confiança para muitos que se envolveram na causa.

Começa sua interação política ainda menina, quando nos ensinamentos de seu pai se preparava para as primeiras letras. Afirma, nunca ter frequentado a escola, fato que trouxe para as suas lembranças uma carga de valores atrelados a uma formação familiar rígida e patriarcal, típica de famílias de camponesas tradicionais da Paraíba a época.

Os valores do âmbito familiar e a vida em comunidade irão moldar uma imagem de si criada por Nêm Cobé. Paulilo (2004), afirma que a vida em grupos em perspectiva comunitária é pautada na vivência de aspectos relacionados a partilha, a integração e ao afeto, a comunidade seria neste sentido o ambiente onde os valores coletivos se edificam e contribuem para a formação dos sujeitos históricos. Assim, muito do que ela apresenta como valores são seqüências de subjetividade que foram construídos na primeira infância.

A noção de comunidade como definindo um lugar de igualdade, integração, tradição e afeto, muito mais do que de hierarquias, conflitos, mudanças e escolhas racionais, firmou-se na Sociologia através dos estudos de comunidades inspirados na corrente funcionalista. A ênfase dessa vertente em pequenos grupamentos fez do campesinato um de seus principais objetos

¹ Josefa Ermina Cobé (Nêm Cobé), hoje com 94 anos, é católica, usou muito de sua religiosidade e conhecimento político dentro dos movimentos sociais, como mecanismo de atuação junto aos trabalhadores do Engenho Geraldo.

² O Engenho Geraldo foi uma propriedade rural de 2.500 hectares aproximados pertencentes a família Tavares De Melo Cavalcante, no município de Alagoa Nova-PB que em 1984 passou por reforma agrária promovida pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Nestas terras 555 famílias foram beneficiadas com lotes. Dados obtidos na Gerencia regional do INCRA, João Pessoa-PB, Bairro Pedro Gondim, Em 15 de maio de 2014. (83) 3322.3222



de estudo e, assim, ele passou a ser identificado com os valores que compunham a ideia de vida em comunidade e, portanto, como pouco afeito ao comportamento racional. (PAULILO,2004, P.230)

Na vida de Nêm Cobé, as práticas e as relações com a comunidade foram importantes para que ela pudesse moldar uma escrita de si, que perpassasse a construção subjetiva, da líder que tinha de fala fácil e enorme capacidade de elaborar discursos. *O povo gostava do jeito que eu falava nos encontros, por que eu animava mesmo.*³ Quando Rago (2013) pensa o conceito de escritas de si a partir da prática de maturação e exposição das memórias, ela faz uma análise sobre o conhecimento autobiográfico, que se executa na atuação das narrativas vivenciais construídas pelo sujeito. Assim, Nêm Cobé constrói para si uma escrita que se projeta em imagens lidas pelos companheiros/as que com ela convivem, constrói também narrativas que a todo momento ajudam-na a moldar a visão que deseja para si.

Exploro os relatos autobiográficos produzidos por ativistas, considerando as narrativas nas quais reconstróem o próprio passado, avaliam as experiências vividas e dão sentido ao presente. Parto da concepção de que a linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais por meios dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assinaladas e de que o real-social e construído discursivamente. (RAGO,2013, p.30)

Sobre a infância, alguns recortes de memória devem ser pensados para poder melhor entender como se deu sua formação política. O primeiro aspecto é que Nêm Cobé veio morar em Alagoa Nova ainda muito criança, sua família era originária município de Soledade-PB, onde seus pais foram morar após o casamento. Mas, devido as ligações com parentes paternos e o direito de seu pai a heranças de terras no Brejo, foram morar no sítio Camará, no atual município de Matinhas-PB, a época então distrito de Alagoa Nova.

Nós viemos morar em Alagoa Nova, por que meu pai era daqui e trabalhava aqui também. Mesmo a gente morando lá em Soledade. Ele resolveu vir para cá, minha mãe veio para ver se dava certo para nossa família, depois disto nós viemos pra cá, morar aqui no Brejo, ai, terminou a minha mãe vendendo as terras de lá e comprando aqui uma terra. [...] a gente veio morar então no município de Matinhas, mas na época Matinhas não era município era pertencente a Alagoa Nova.⁴

Fato importante de suas lembranças, a vinda da família para Alagoa Nova ajudou a marcar uma mudança na vida de Nêm. Aqui, ela irá traçar sua vida a partir de novos valores, chega aos oito anos de idade e aos poucos começa a criar relações de amizade com a comunidade e com os parentes próximos. Ao mesmo tempo aprofunda a relação de amor e segurança que encontra no pai, seu grande mentor intelectual, que lhe repassava os poucos

³ Entrevista concedida por Nêm Cobé, 09/06/2011.

⁴ Entrevista concedida por Nêm Cobé, 09/06/2011.



conhecimentos das letras que tivera. Neste sentido, sua primeira infância será fortemente marcada pela presença constante do pai, que lhe ajuda a construir uma subjetividade forte pautada na defesa de seus direitos e dos que com ela conviveram.

E que nos fazem criar comparativos com pensamentos defendido de que *na modernidade, o núcleo social em que, paradigmaticamente se concretizou a assunção da herança como norma, ou melhor, como dívida, foi a família (a memória do eu é sempre em primeira instância, uma memória da família) (CATROGA, 2001, p.27)*. Pensando o quanto ela se constrói a partir dos laços de memória que tem de sua família, nos amores que constrói com a mesma e nas experiências vividas.

A busca de melhorias para os seus, surge na infância e se perdura por toda vida, ganhando força a partir de novos encontros que a vida lhes proporcionou. No caso de Nêm Cobé, seus primeiros prazeres com a leitura foram proporcionados por um presente de uma amiga da família, que lhe deu um livro que relatava a História do 8 de Março.⁵ Estas histórias de mulheres que lutavam pelos direitos das trabalhadoras foram lhe dando inspiração para entrar nas lutas em defesa dos camponeses. *Eu lia muito a bíblia, e a primeira história diferente que li foi sobre a luta. Li sobre as mulheres, aquelas mulheres que morreram queimadas numa fábrica porque lutavam pelos seus direitos! Então pronto, foi a primeira história que eu vi e fiquei emocionada com a força da luta dos trabalhadores.*⁶

Nêm Cobé cria para sua vida um desenho de atuação dentro dos movimentos de luta pelos direitos dos/as trabalhadores/as, este faz com que uma “escrita de si” seja produzida a partir de seus relatos de memória, a forma como ela se projeta para o mundo é por si só uma maneira de ser vista como diferenciadas dos/as demais.

A ESCRITA DE SI E A PROMOÇÃO DE VALORES COLETIVOS.

A escrita de si, que ela promove não é aquela dos letrados, que foram deixadas em produções livrescas e bibliográficas, não é a das cartas e correspondências trocadas entre intelectuais, nem muito mesmo a de artigos jornalísticos deixados em periódicos de

⁵ Dezenas mulheres operárias foram queimadas em uma fábrica têxtil nos EUA em meados do século XIX. No século XX, com as lutas dos movimentos feministas a data ficou conhecida como dia internacional de luta pelos direitos das mulheres. Ver < <http://www.brasilecola.com/datas-comemorativas/dia-da-mulher.htm> > acessado em 15 de Abril de 2015.

⁶ Entrevista concedida por Nêm Cobé, 09/06/2011.



circulação. Falo de uma escrita, deixada na oralidade, dela e dos que com a mesma convivem, falo dos conhecimentos que são revelados nas suas memórias e que nos enchem de prazer em uma escuta rápida de suas falas.

A escrita de si é entendida como um cuidado de si, é também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu em um contexto relacional, tendo em vista reconstruir uma ética do eu. Portanto, mostra até a “escrita de si” dos antigos opõe-se à confissão, modo discursivo-coercitivo de relação com a verdade que se define desde o cristianismo e que se acentua na modernidade (RAGO, 2013 p.50)

A forma como encara o mundo e o cuidado que tem consigo e com os seus companheiros/as de luta, faz com que a “ética do cuidado” seja sempre buscada para promover uma relação de companheirismo com os outros. Desde se sua infância e perdurando-se a cada experiência vivenciada, ela vai criando um modelo de ser que lhe acompanha e que a ajuda a construir várias relações dentro de sua comunidade.

A imagem que constrói de si, é uma junção de momentos que viveu de maneira aparentemente dispersa e os momentos de profundo engajamento político que se revelam de maneira autobiográfica em seus relatos, criando de certo modo uma linearidade na construção de uma imagem sobre sua vida. Assim como Foucault (2014) disse que não *imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável*, percebe-se em Nêm Cobé uma alegria em sua história de vida e de lutas que transcende a escala do individual e contagia aos que dela se aproximam. Está diante de seus relatos de infância e de vida, seria como diz Gonçalves (2007), pensar na *escolha e junção de aspectos e momentos dispersos da vida, a autobiografia organiza o quebra-cabeças da história individual e procura oferecer um relato coeso e harmônico na projeção da imagem que o sujeito busca construir sobre si mesmo* (GONÇALVES, 2007, p.113)

Na comunidade Nêm Cobé a cada dia ganha mais respeito, apesar de não ter nascido naquelas terras⁷ na sua influência construiu muitos enlaces na comunidade, desde de sua juventude compartilhava amizades e experiências de grupo com os moradores.

No Engenho Geraldo, tinha festa dos santos, que a gente participava muito, e depois que eu aprendia ler com meu pai não parei de ensinar ao pessoal que não sabia ler. Nossa amizade aumentou ainda mais. Eu tirava uma hora no meio dia para ir lá ensinar a eles. Tenho tantas criaturas que já morreu e outras tantas que estão vivas que mim agradecem pois aprenderam a ler

⁷ A família de Nêm Cobé possui até hoje um pequeno lote de terras no sitio Camará, do município de Matinhas-PB, localidade próxima ao Engenho Geraldo. (83) 3322-3222



comigo, porque eu chamava eles para estudar e eles iam lá para casa e eu, moça nova, ensinava o alfabeto a eles.⁸

A relação de proximidade com a comunidade era cultivada a cada dia, seu perfil de liderança pouco a pouco era moldado. Em cada contato vivenciado, Nêm Cobé galgava para si uma imagem de liderança que se perdurou como algo “naturalizado” entre os seus, tudo isso alimentado por indignação ao ver o sofrimento de muitos que com ela compartilharam vivências e memórias desde a infância.

Acredito que esta liderança construída ao longo dos tempos efetivou uma prática pedagógica, pois toda a história de vida e de lutas de Nêm foi traçada de modo a uma percepção do coletivo que nela residia “o saber”. Os camponeses que a ouviam viam em seus discursos uma aula de como lidar e como se defender dos opressores que a todo instante tentavam tira-lhes o direito a terra. Quando esta líder proferia falas que davam os caminhos que melhor poderiam ser seguidos pelos moradores para que a luta se tornasse mais forte, ela também fortalecia o caráter coletivo de reivindicação de direitos e promoção da igualdade. É neste sentido que vejo sua atuação como uma prática educativa não formal.

Demarca-se que a educação não formal não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instituições superiores oficiais e certificadores de titularidades. Difere da educação formal porque esta última possui uma legislação nacional que normatiza critérios e procedimentos específicos. (GOHN, 2010, p.22)

Soa prática educativa não formal tinha como sustentáculo a escrita de si que ganha força na oralidade dos discursos proferidos nas reuniões, aulas e reforços escolares que dava aos jovens da comunidade, suas falas assemelham-se a algo semelhante ao que disse Foucault (1992), ao definir que a escrita epistolar seria um treino de si, que se faz constante nos vários momentos da vida. Através das experiências partilhadas com os outros, ela daria força as formas de saber que se constroem entorno da personalidade de Nêm Cobé.

De qualquer modo, seja qual for o ciclo de exercício em que tome lugar, a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a askesis: a saber, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. Como elemento do treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função etopoiética: é um operador da transformação da verdade em ethos. (FOUCAULT, 1992, p. 2)

O contexto de formação de Nêm Cobé é coincidente com toda uma conjuntura política que a Paraíba e o Brasil estavam vivenciando, períodos de instabilidades políticas da

⁸Entrevista concedida por Nêm Cobé, 09/06/2011.



democracia brasileira nas décadas de 1950 e 1960, bem como, a época de repressão ocasionada pela ditadura civil/militar foram vivenciados e contribuíram para sua formação política. Mesmo que esta não tenha tido acesso a uma instrução escolarizada maior, estes períodos históricos em grande parte, influenciaram a construção de sua personalidade.

Pensando que a partir da década de 1970 uma série de movimentos de contestação ao poder vigente (de caráter ditatorial, direitista e repressor) começam a surgir e/ou ganhar visibilidade nas várias regiões do Brasil, na Paraíba não sendo diferente, passam haver influências destes movimentos. Basta lembrar que nos arquivos do DOPS –PB⁹(Departamento de Ordem Política e Social da Paraíba), são encontrados documentos e alusões a pessoas que em algum momento lutaram pela defesa dos seus direitos políticos tão duramente perseguidos naquela época.

Mesmo antes do golpe, como afirma Nunes (2009), o clima de disputas entre setores oligárquicos na Paraíba e os camponeses já se instalava. Muito fortemente a partir da década de 1960. Tais fatores faz com que vários movimentos organizados passem a surgir com o objetivo de defender os direitos destes trabalhadores, se num primeiro momento temos a presença das Ligas camponesas, após o Golpe temos a presença de entidades que atuavam junto aos camponeses como a JAC (Juventude Agrária Católica).

A “paz agrária” no campo paraibano era garantida pelo jogo entre o Grupo da Várzea, composto, principalmente, pelas famílias Ribeiro Coutinho e Veloso Borges, e pelo Estado, e fundamentava-se na exploração máxima do campesinato. Era possível detectar a relação entre dono da terra e o Estado, este, representado na zona de latifúndio pela força policial sob o comando do delegado. A autoridade, civil ou militar, embora juridicamente designada para garantir a ordem pública, estava a serviço de um dos grupos oligárquicos no poder. (NUNES, 2009, p.4)

O momento de repressão política faz deste momento histórico um ambiente onde vários movimentos surgem com intuito de articulação política de esquerda, no caso da relação de Nêm Cobé, quem irá influenciá-la fortemente serão os pensamentos difundidos pela JAC, grupo da igreja católica que terá grande influência, entre camponeses no estado da paraíba. E, que no caso do Engenho Geraldo, atua fortemente junto a luta da comunidade. Neste sentido, se já tínhamos nessa protagonista uma forte influência da fé católica e dos sentimentos de revolta contra os maus-tratos cometidos com os/as trabalhadores/as, agora com a influência destes pensamentos de esquerda política, ela escreverá novos protagonismos

⁹ Arquivos disponíveis no núcleo de cidadania e direitos humanos da UFPB.



para sua trajetória de lutas.

AS AMIZADES E O PODER POLÍTICO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.

Ao desenhar uma imagem para sua trajetória ela busca demonstrar o respeito que os/as companheiros/as construíram sobre si. Nêem Cobé, torna-se líder que melhor puxava os cânticos e a palavra nas novenas da comunidade, se apresentava como porta-voz das angústias e das insatisfações do seu povo, eram estas características descritas por ela para falar de sua atuação dentro do movimento. *Minha voz chamava atenção mesmo e eu tinha facilidade de convencer minha gente com a palavra de Deus, isso era um dom do Espírito Santo.*¹⁰

Cria para si a “potência da reza”¹¹ como elemento fundante da articulação política e pedagogia de seu povo. Neste sentido, sua imagem era o que melhor representava a expressão pública da amizade no movimento. Ela proferia falas conduzidas com a liberdade de quem no contexto social ao qual esteve inserida tinha um respeito único pelo outro. Ela institui sua vida de modo que [...] *a amizade é vista como uma prática de liberdade que propicia a autoestima a auto elaboração ética.* (IONTA, 2007, p.136).

A maneira como projeta para o mundo suas amizades faz de suas atitudes transgressoras. Nêem, foge ao padrão normativo que impõe a mulher a proibição do uso do espaço público como lugar de expressão.

Nas novenas que participara, nos encontros interpessoais e nas relações diárias com os seus, a expressão do companheirismo era preponderante, neste sentido, é pertinente a lembrança destes dois fatores (o ato de rezar e as amizades construídas no movimento) quando estamos a penar suas trajetórias.

Eu sempre fui muito rezadeira, e o pessoal da que foram me chamando para rezar ainda mais. Aqui no Engenho Geraldo, e eu comecei a rezar o terço e ler o evangelho com o povo nas casas, com isso bem rapidamente todo mundo ficou me conhecendo e me chamando ainda mais. As pessoas daqui sempre me consideravam muito.¹²

Sobre as amizades construídas faço, aqui, um exercício de rememoração para ver que na Filosofia Ocidental a amizade foi barrada às mulheres, sendo apresentada como uma prática exclusivamente masculina é pertinente para se fazer um comparativo das maneiras de encarar o mundo criadas por ela diante das formas tidas “tradicionais” de amizade. Rosa

¹⁰ Entrevista concedida por Nêem Cobé, 09/06/2011.

¹¹ Em vários relatos Nêem Cobé, aponta que muito de suas conquistas junto à comunidade Engenho Geraldo se dava graças ao poder divino de suas rezas e novenas.

¹² Entrevista concedida por Nêem Cobé, 09/06/2011.



(2013) traz a temática das relações de amizade com práticas que começam e ser impostas como categorias de poder restritas aos homens desde a antiguidade clássica, aonde a *Philia-Amicitia*¹³ era uma exposição pública das relações entre eles.

A relevância política da amizade foi ressaltada em diferentes momentos da tradição filosófica ocidental. Contudo, a amizade considerada ideal era a amizade entre homens. Tanto que a ideia de incapacidade da mulher para a amizade percorre os textos de Platão, Aristóteles, Cícero, Montaigner, Michelet, Kant, Hegel e muitos outros. A fraternidade conferida as mulheres por estes autores afasta-se da nobreza que empunham existir na verdadeira amizade (ROSA, 2013, p. 78)

Para a história da filosofia no ocidente, as mulheres foram gradativamente reclusas ao ambiente do lar, espaço este, dominado pelo poder do homem que se apresenta como chefe da família e porta-voz da mesma para a sociedade. A mulher seria em certo sentido a “guardiã do lar”, cabendo-lhe atribuições impostas pela “superioridade masculina”. Nesta perspectiva as únicas formas de amizades permitidas as mulheres seriam amizades superficiais, sem uma estrutura profunda que pudesse ser exposta a sociedade.

Na Grécia antiga com a relação dos homens que se unem para expressar suas relações amistosas que eram também políticas e que se chamavam de *Philia*, Roma com a projeção de uma relação política sustentada na *Amicitia*. Com o advento do cristianismo e propagação do amor absoluto pelo divino, amor este representado na propagação do *Ágape* que se perdura pela relação fraterna-caritas e com a modernidade a ascensão do privado como esfera explicativa do “ser” faz a amizade passar por um acentuado processo de despolitização e privatização das ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As memórias da líder Camponesa Nem Cobé são suportes para a construção de uma história de resistência dos que junto com ela lutaram com o intuito de conseguir direitos cerceados de posse da terra. Os conflitos do Engenho Geraldo são elementos que nos mostram a carga de subjetividade dos sujeitos históricos quando se propõem a lutar por um direito.

A história da comunidade contada a partir de Nêm, torna-se uma narrativa possível no momento em que a personagem toma para si o papel de liderança do movimento. Faz isso pedagogicamente, orientando e conscientizando cada dia mais moradores, nos dez anos da luta enfrentada na comunidade. Ela constrói uma escrita de si, elaborada a partir das atitudes

¹³ Conceito referente as relações de amizades na antiguidade clássica.



e ações que efetua nos dez anos de luta por reforma agrária na localidade.

A escrita de si de Nêm é sustentada sobretudo nas relações de amizade que elabora nos espaços públicos de luta. A amizade torna-se então elemento base para a obtenção de uma unidade política de reivindicação de direitos relacionados a posse da terra.

REFERÊNCIAS.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia.** Coimbra – Portugal: Quarteto, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: edições graal, 2014.

_____. **A escrita de si.** In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. P.1-11. Disponível em < http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault/at_download/file> Acessado em 18 de Maio de 2015.

_____. **O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista.** Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: v. 1, n. 1. 1993. P.197 a 200. Disponível em <http://www.adrieldutra.com.br/wp-content/uploads/2013/12/foucault-prefacio-a-vida-nao-facista.pdf> Acessado em 12 de outubro de 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal Educador social.** Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2008.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. **Viagem e escrita de si em Maria Graham.** Rev. Seropédica- RJ: Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas. EDUR, v. 29, n. 1, jan.-jun., 2007. p. 110-122.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** 1ed. São Paulo: Centauro, 2006.

IONTA, Marilda. **As cores da Amizade: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mario de Andrade.** São Paulo; Annablume, FAPESP, 2007.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como Fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.



NUNES, Paulo Giovanni Antonino. **Os movimentos sociais, o governo Pedro Gondim e o golpe civil-militar na Paraíba.** Anais ANPUH – XXV Simpósio Nacional De História – Fortaleza, 2009. Disponível em < <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0210.pdf>> Acessado em 18 de Maio de 2015.

ORTEGA, Francisco, **Genealogia da Amizade.** Iluminuras. São Paulo. 2002.

PAULILO, Maria Ignez S. **Trabalho familiar:** uma categoria esquecida de análise. Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004 P. 229 – 156.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismo, escrita de si e invenções de subjetividades. Editora Unicamp, Campinas –SP: 2013.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres Ditaduras e Memórias:** “não imagine que precise ser triste para se militante”. São Paulo: FAPESP, 2013.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil da análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade. Vol, 20, nº2, Jun./Dez. 1995, p.77-99.